

## O Buda morreu comendo porco?

Waley, Arthur

Melanges Chinois et bouddhiques (vol 1931-1932, p.343-354)

Traduzido pelo Upasaka Pundarikakarna

Qualquer um que tenha interesse na história do Budismo é levado a perguntar de tempos em tempos se seria verdade que o Buda morreu comendo porco. A ideia de que ele poderia tê-lo feito então vem como uma surpresa para a maior parte dos europeus; já que estamos acostumados a associar vegetarianismo como parte intrínseca do Budismo. Questionadores com uma curvatura de espírito iconoclasta estão ansiosos para confirmar que Buda foi algo bem diferente do convencional homem santo, forte e ao mesmo tempo pouco pretensioso, enquanto aqueles que têm valorizado a figura de Gautama, o santo, imune a todo apetite e desejo mundano, estão preocupados com uma autoridade segura para a interpretação figurativa da passagem sobre o comer porco[1].

A facilidade com que essa pergunta é respondida depende da extensão das pesquisas do informante. Considerando apenas a própria passagem e unicamente do ponto de vista do Budismo Páli, eu creio que qualquer um não influenciado por pré-concepções românticas sobre a personalidade do Buda pode chegar à conclusão[2] de que as palavras *suukara-maddava* (macio como porco) são para ser tomadas literalmente.

O quanto antes, contudo, alguém estudar a questão por um aspecto mais amplo e, levando em consideração que os igualmente iniciais[3] documentos hinayana chineses traçam a história da atitude budista em relação ao consumo de carne, toda a questão se torna infinitamente mais complicada e uma resposta confiável torna-se longe de ser fácil de oferecer.

A história da última refeição do Buda, como é contada no Sutra Mahaparinibbana (Sutra da Grande Extinção) é bem resumida por E. J. Thomas[4]. Em Pava, Buda esteve no mangueiral do bosque do ferreiro Cunda. Lá, Cunda ofereceu uma refeição de comida excelente, em parte firme e em parte macia, com uma grande quantidade de *suukara-maddava*. Antes da refeição Buda disse, “Sirva-me Cunda, com o *suukara-maddava* que você preparou, e sirva com os outros alimentos firmes e macios.” E assim Cunda fez, e depois da refeição Buda disse-lhe para jogar o restante do *suukara-maddava* dentro de um buraco, pois percebeu que ninguém mais no mundo poderia digerir-lo além do Tathagata[5]. Veio uma doença aguda, com sangue vertente e violentas dores mortíferas, mas Buda conscientemente as controlou... e foi levado para Kusinara.

A palavra ‘*suukara-maddava*’ não ocorre em nenhum outro lugar (exceto em discussões sobre essa passagem) e o radical *-maddava* é passível de pelo menos quatro interpretações. Considerando que venha da raiz de MRD ‘macio’, cognata com o latim ‘mollis’, é ainda ambíguo, pois ainda pode significar “partes macias de um porco” ou ‘comida macia de porco’, ou seja, comida da qual porcos se alimentam.[6] Mas pode ainda vir da mesma raiz de ‘moinho’ e significar “amassado por porcos”, ou seja “pisado por porcos”. Ainda há um outro

significado semelhante a “satisfazer” e, como veremos abaixo um estudioso supôs a existência de um vegetal chamado 'deleite de porcos'.

A questão de se Buda comeu ou não porco, naturalmente se apresentou tanto para a mente leiga como teológica. Na realidade, contudo, nenhum ponto teológico está envolvido. Mesmo especialistas têm compreendido muito imperfeitamente que na história tardia do Budismo, o comer carne seria permitido, sob determinadas circunstâncias extremamente excepcionais. O monge Budista deve abster-se de comer carne se ele 'souber, ouvir ou suspeitar' de que ela teria sido morta especialmente para ele[7]. A atitude permitida era muito rara; por exemplo, era considerado errado para um monge ir a uma casa específica e pedir comida, a menos que ele estivesse doente. Mas ele poderia se o dono da casa dissesse a ele 'há algo mais que você queira pedir?'

Então não era, por conseguinte, no mínimo surpreendente que no comentário do Digha-nikaya sobre a última refeição do Buda, Buddhaghosha (início do século V) tenha sido conciso ao tomar sukara-maddava como significando porco. Mas o comentário do Udana[8], ao lidar com essa passagem diz: sukara-maddava no Grande Comentário[9] afirma ter sido carne de porco preparada macia e bem oleosa; mas alguns dizem que não seria carne de porco, mas um broto que era pisado por porcos; outros ainda que era um cogumelo que crescia num lugar pisado por porcos; ou ainda tomar isso num sentido de ter o sabor parecido.

Uma primeira impressão ao ler tais explicações 'vegetarianas' é que são puro sofisma, datados de um tempo quando a ideia do Buda comendo carne ter sido tão inaceitável que os comentaristas se viam obrigados a torcer de toda forma o significado da passagem para outro sentido.

Se nenhum outro vegetal com o nome semelhante existiu, então seria quase certo que a explicação do 'cogumelo' seria mera fantasia. Mas Neumann[10] tem mostrado que em Narahari, Rajanigha, dentre os nomes de plantas medicinais, ocorre toda uma série de palavras compostas por 'porco' como primeiro elemento; como sukara-kanda, 'bulbo de porco'; sukara paadika, 'pé de porco'; sukareshtha, 'procurado por porcos'. Numa analogia com o passado Neumann é inclinado a tomar sukaramadava como significando 'deleite de porcos' e assume que seria o nome de algum tipo de trufa.

Parece-me que filologicamente, a visão de Neumann tinha muito a dizer, mas não foi suficientemente levada em consideração. Parece perfeitamente concebível que os comentaristas que suspeitaram da 'explicação' da expressão 'porco' estavam realmente melhor informados do que Buddhaghosha. Nomes de plantas tendem a ser locais e relacionadas com dialetos. É bastante provável que uma tal expressão como sukara-maddava signifique 'trufa' em Maghada e isso pode, nos centros mais ocidentais e orientais onde o budismo Pali veio a existir, ter sido inteiramente desconhecido e conseqüentemente mal compreendido.

Infelizmente o termo, tal como é conhecido, ocorre unicamente nessa passagem e em discussões sobre ele. Nenhuma expressão correspondente em Sânscrito parece existir.

## Os Documentos do Hinayana Chinês

O relato do falecimento do Buda ocorre no segundo livro do Dirghagama[11]. Tal versão foi traduzida em 412-413 e é, portanto, contemporânea a Buddhaghosha. Ele apóia a teoria 'vegetariana'. Cunda preparou 'um guisado separado de orelhas de madeira que nascem na árvore de sândalo, que o mundo estima como grandes em delicadeza.' 'Orelha de madeira' ainda é uma palavra corrente em chinês para cogumelos que crescem no tronco de árvores. Fragmentos do Dirghagama em sânscrito ainda existem, mas infelizmente não nessa passagem. Presume-se que a frase sânscrita na capa do tradutor chinês seja Candana ahicchatraka, candanachattrā ou algo assim.

Há quatro outras versões do 'Sutra da Grande Extinção', a saber:

1. Nanjio 552, traduzido em 290-306 por Po Fa-tsu.
2. Nanjio 119, tradutor desconhecido.
3. Nanjio 118, falsamente atribuídos a Fa-hsien.
4. Uma longa passagem[12] no Kshurakavastu do Mulasarvastivada Vinaya (traduzido no ano de 710).

Em nenhum desses trabalhos a natureza da comida que Cunda ofereceu é especificada. A passagem é citada no 'Questões de Milinda' (mais ou menos 175); mas em uma seção que também está faltando nas versões chinesas.

A ideia então, de que o Buda tenha comido carne de porco é completamente ausente do Cânone Chinês e pode nunca ter sequer entrado na cabeça de qualquer budista do extremo oriente até que as escrituras Páli começaram a ser estudadas no fim do século XIX.

Houve, realmente, uma outra ocasião[13] quando o Buda aceitou oferta similar. O chefe de família Uggā trouxe alguns *sukaramamsa*. Aqui novamente o cânone chinês nos falha, pois tal sutra não existe no Ekotaragama ou em qualquer outro lugar. Ninguém, eu penso, jamais sugeriu que *sukaramamsa* (carne de porco) não signifique realmente porco.

Tudo que foi dito até agora se aplica somente ao Hinayana. Do ponto de vista Mahayana não é apenas uma questão filológica, mas também uma questão de moralidade que está envolvida; pois para o que nos é bem conhecido das principais escrituras Mahayana, todas proíbem completamente o consumo de carne.

Os primeiros trabalhos contendo tal proibição[14] são o Sutra Mahaparinirvana, uma remodelação do Sutra da Grande Extinção. Quando Fa-hsien visitou a Índia no século V, ele encontrou todo o meio do país (Madhyadesa, ou seja, Magadha e partes circundantes) 'de pessoas que se abstinham de tomar vidas. Não bebiam vinho nem comiam cebolas ou alho... eles não criam porcos ou aves, nem vendem alimento animal'[15].

Quando Fa-hsien perguntou qual autoridade escritural foi usada para tal proibição absoluta de carne, sem dúvida alguma o Sutra Mahaparinirvana foi citado. E certamente que Fa-hsien teve

particular interesse nesse sutra, pois adquiriu uma cópia para si em Pataliputra e foi essa versão que traduziu para o chinês em 417 EC.

### **Qual foi a origem dessa nova visão sobre a alimentação com carne, o que parece ter surgido em algum lugar por volta do século III?**

Uma explicação que me ocorre é a que segue: Os reis Gupta, que neste período reinaram por toda região média do país toleravam o Budismo e às vezes prestavam suporte, eram eles adoradores de Vishnu. Agora, o ascetismo Vaishnava afirma que “deve-se abster de todo tipo de comida de origem animal”[16] e isso pode naturalmente ter ocorrido aos Budistas de dizer 'se mesmo os equivocados Hindus se abstêm da carne, quanto menos devemos nós...' ou algo desse tipo. Tal hipótese encontra confirmação completa no Sutra Lankavatara[17], um trabalho mais tardio do que o Mahaparinirvana:

'Se mesmo os infiéis em seus tratados heréticos e os Lokayatikas em seus ensinamentos mundanos e aqueles que caem no erro de considerar os fenômenos quer como permanentes ou como sem duração, como existentes ou não existentes, mesmo tais pessoas proibem o uso de carne...'

E novamente[18]: 'Mesmo magos seculares se abstêm de carne, sabendo que disso depende o sucesso de seu desempenho; quanto mais os meus discípulos na busca do supremo caminho espiritual do Tathagata...' etc.

O Lankavatara tem, de fato, um capítulo especial[19] (Mamsabhakshana) que lida com a proibição da carne. Para justificar tal proibição, ele se refere a cinco sutras[20]: o Angulimata, o Mahanegha, o Srimala, o Hastikakshya e o Mahaparinirvana.

O primeiro é o bem conhecido sutra Hinayana e em sua forma inicial[21], é claro que não contém tal proibição. Ela existe, contudo, numa forma expandida Mahayana e em uma passagem[22] que diz que 'os Budas não comem carne'. A segunda (traduzida em 414-421) contém uma referência muito indefinida[23] para a questão.

A terceira não contém nenhuma referência ao assunto, e é, obviamente citada por engano com o Angulimala. A quarta[24] meramente diz que a eficácia da recitação do fim do sutra depende da abstenção de carne.

É evidente que no tempo em que o Lankavatara foi composto, o Mahaparinirvana era a única escritura que definitivamente proibia a alimentação com carne. Quando então, o Mahayana por si próprio produziu seu conjunto de regras monásticas, teve autoridade para impor o completo vegetarianismo. E de fato, Fan-wang Ching[25], que budistas do extremo oriente considera como a fundação de suas regras monásticas, o comer carne, não como uma falta grave, mas como uma das quarenta e oito 'degenerações leves'. Isso é considerado menos grave do que, por exemplo, perder o controle.

Mas voltando à questão da última refeição do Buda, vimos que filologicamente não há razão pela qual sukara-madava não ser realmente o nome de uma raiz ou cogumelo. E certos de que

esse era o significado original, é bastante compreensível que depois que o centro do Budismo se deslocou do oeste para o sul[26], seu sentido original pode ter se perdido.

Se o Budismo Hinayana via o consumo de carne com horror, os comentadores dos sutras encontrariam-se numa posição desconfortável. Realmente, contudo, não tiveram (como podemos ver) nenhum preconceito e foi relativamente fácil para eles aceitar o termo sukara-maddava como carne de porco. Os 'outros comentadores' que mantiveram que foi preparado um vegetal, mantinham tal hipótese não como teólogos desonestos, mas meramente como pessoas que vieram de alguma parte da Índia onde o termo sukara-maddava no sentido de um vegetal ainda era corrente. Eu desconheço qualquer argumento que pode tornar tal hipótese insustentável.

A alternativa é supor que, apesar de não haver nenhum trabalho Hinayana que contenha qualquer proibição geral da alimentação por carne, o sentimento em favor do vegetarianismo, que prevalecia no mundo[27], afetou tanto o budismo Hinayana quanto o Mahayana, com o resultado de que certos comentadores se chocaram com a ideia do Buda comer carne de porco e criaram uma fantasiosa interpretação para a passagem. O mesmo sentimento, deve-se supor, é responsável pela substituição do cogumelo pelo porco na versão chinesa.

Creio que a segunda teoria envolve muito mais suposições infundadas do que a primeira. Mas no estado atual de nosso conhecimento, ambas me parecem razoáveis. O interesse no questionamento acima, apesar de seu resultado negativo, reside na imagem oferecida do método pelo qual o Budismo se adaptou às correntes de pensamento e sentimento em completo contraste com o Cristianismo. Sempre, sob influência de um ambiente novo ou pensamento criativo individual, os budistas eram atraídos por um novo ponto de vista, eles sentiam necessidade de investir nesse ponto de vista com alguma autoridade escrita. Assim, desde que a religião tornou-se um organismo vivo, suas escrituras continuaram a se expandir e o Tripitaka em sua forma Hinayana e Mahayana são em si próprios uma história do Budismo. Tal método, que implica na capacidade crítica do fiel tornando-a tão ilimitada que eles estarão a qualquer momento aptos a aceitar um documento moderno e recém-descoberto ensinando sobre o Fundador, não seria possível no ocidente. Ao invés disso, a igreja Cristã foi forçada a adotar complicadas interpretações metafóricas das escrituras, particularmente do Velho Testamento, mas teve (desde um período muito antigo) escrupulosamente evitado a política de expansão e interpolação que produziu a riqueza do Tripitaka. Assim, enquanto no ocidente há os trabalhos dos teólogos aos quais devemos nos voltar se quisermos estudar as sucessivas fases do Cristianismo, no budismo todo o processo de desenvolvimento reside aberto perante a nós nas próprias escrituras.

O método ocidental tem suas vantagens. É fácil considerar os teólogos do passado como passíveis de falha. No Budismo, ao contrário de sucessivos estágios de doutrina, muitas vezes incompatíveis com o que veio antes, são expostas nas escrituras o que todos afirmam por igual direito serem as verdadeiras palavras do Buda. Divergências encontradas, inadequações eram resolvidas sustentando que as escrituras tardias foram misteriosamente deixadas em suspensão até que o mundo estivesse apto a recebê-las.

Em um caso como o que tenho discutido, o tipo de explanação não seria muito convincente e não é de se estranhar que o grande biógrafo budista e compilador Tao-hsuan (596-667), que fundou uma vertente que baseia seu ensino no Vinaya, envergonhou-se do fato de que essa parte das escrituras dizia que comer carne (considerado pelos Budistas do século VII como algo horrendo) era algo mais do que definitivamente permitido. Felizmente a dificuldade foi resolvida por uma visão em que uma profecia[28] era revelada a ele, para o efeito que nos dias degenerados, muito tempo após a morte do Buda, haveria monges que, encontrando suporte nas passagens das escrituras Hinayana, desvirtuariam o significado do Vinaya e fingiriam que o Buda permitiu aos monges se alimentar de carne. 'Naqueles dias, os monges em seus templos assassinarão seres vivos, fazendo dos lugares em que vivem em nada melhores do que um lar de caçadores e açougueiros.'

- 
- [1] Mahaapariniibbaana-sutta(Diighanikaaya 16). Traduzido em Dialogues of the Buddha II, 137.
- [2] Como recentemente os editores do dicionário da Pali Text Society têm feito.
- [3] Eu não vejo razão para afirmar que os Agamas sânscritos (preservados em chinês), num modo geral, são posteriores aos Nikayas Pali. Em alguns casos eles podem certamente se mostrar anteriores. O mesmo se aplica aos vários Vinayas (regras monásticas) Hinayana preservados em chinês.
- [4] The Life of Buddddha (Kegan Paul. 1927)p.149.
- [5] Nada na história é estranho como esse aparente toque de ironia.
- [6] Se derivado do radical maddava, pode ser comparado etimologicamente à nossa palavra 'malva', a planta macia, suave.
- [7] Majjhima Nikaaya (Jiivaka Sutta) 55. Penso que não há correspondente dentre os Agamas chineses; mas a mesma permissão é dada nos Vinayas hinayana chineses. 58 (Taishoo Tripi.taka xxii, 998b).
- [8] i, 399; Edição de Steinthal do Udaana, p. 81 seq.
- [9] Agora perdido, para tal passagem veja Edward Thomas, loc. cit.
- [10] Prefácio do Majjhima Nikaaya, p.xx.
- [11] Taishoo Tripitaka, i, 18b.
- [12] ibid. xxiv, 382 seq.
- [13] Veja Anguttara Nikaaya, Vol. III, 49, (Manaapad-aayii).
- [14] Tradução de Fa-hsien (Nanjio, 120), Taishoo Tripi.taka, xii,868c. As palavras na versão do Dharmakshema (Taishoo Tripi.taka xii, 386b) são idênticas. A assim chamada Versão do Sul (Nanjio 114) é meramente uma transcrição de Nanjio 113 com uma divisão de capítulos imitada de Nanjio 118 e algumas poucas alterações verbais. [Para os resumos dos Sutras aqui relatados veja em P.Demieville, BEFEO. 1920, 4, p.165-167: ((L'ermite fait voeu de ne jamais manger de viande, ainsi que l'ordonnent les suutras de misericorde de tous les buddhas...AAnanda fait remarquer combien est ((etrange et particuliere) cette prescription de s'abstenir de viande.)) Morale bouddhique, 63-64.]
- [15] Taishoo Tripi.taka, i, 859b.
- [16] Vish.nu Sm.rti, 51,72 (Sacred Books of the East, vii, 171).
- [17] Tradução de Bodhiruci.Taishoo Tripi.taka, xvi, 561a.
- [18] Taishoo Tripi.taka, xvi, 562b.
- [19] Tradução de Gu.nabhadrá ( 443 A. D. ), Taishoo Tripi.taka, xvi, 513c.
- [20] Tradução de Gu.nabhadrá (514b) adiciona o Mahanirvana, e substitutos ao 'Sriimaalaa para o Angulimaala.
- [21] Majjhima-nikaaya 86. Samyuktaagama 1077. Taisnoo Tripi.taka ii, 281.
- [22] Ibid, ii, 540.
- [23] Ibid, xii, 1099c.
- [24] Ibid, xvii, 787a. Traduzido em 424-441.
- [25] Ibid, xxiv, 1005b. Isso supõe-se ser um trecho de um longo trabalho em sânscrito. Mas o Chung Ching Mu Lu (Nanjio 1609; compilado em 594 A.D.) o descarta como forjado. A versão tibetana, que não tem título sânscrito, meramente prefixa uma referência ao título chinês, é provavelmente traduzida do chinês. Parece provável que a obra tenha sido composta originalmente na China por volta de antes de 507; pois nesse ano, em uma conferência convocada pelo imperador Wu da dinastia Liang para discutir a questão do consumo de carne, o Fan-Wang Ching não é citado entre outras escrituras relevantes. É interessante que uma das autoridades em Vinaya que ofereceu a evidência dessa pergunta confessa que ele próprio não era um vegetariano (Taisho, Lii, 299).
- [26] Depois da perseguição de Pushyamitra (185-148 B.C.).
- [27] Cristãos gnósticos advocavam o completo vegetarianismo.
- [28] FA Yuan Chu-lin, Ch. 94. Taishoo Tripi.taka Lvii,980c, citando o trabalho perdido de Tao-hsuan, I-fa Chu-chih Kan-ying Chi